

Revista Adventista

É FÁCIL LER A BÍBLIA?

Pelo Professor MICHAELI

Felizes as pessoas que encontram que a Bíblia é fácil de ler, que não põe nenhum problema e cada um pode compreendê-la sem dificuldade. Muitas outras sem dúvida as invejariam e desejariam conhecer o segredo dessa facilidade ou a chave de todos os problemas. Há aí um domínio muito pessoal que cada um deve explorar por si mesmo e não é possível penetrar inteiramente no domínio do próximo para tentar resolver o que ele procura penetrar tateando. Pelo menos, não é inútil experimentar discernir as dificuldades e problemas, porque um problema bem posto está meio resolvido. As linhas que se seguem querem simplesmente sublinhar alguns desses obstáculos à leitura da Bíblia, sem pretender enumerá-los todos nem os aplinar por boas palavras. Pode-se dizer que a leitura da Bíblia é um combate quotidiano que cada um deve sustentar com perseverança, sabendo que Deus dá a vitória a qualquer que a Ele se entrega.

Dificuldades materiais

Que dizer das dificuldades materiais do tempo e lugar? São perguntas que não encontram nenhuma resposta teórica absoluta, pois é diferente para cada situação. É verdade que para a maioria de nós, as ocupações diárias são de tal modo absorventes e o tempo é de tal forma contado, que é um verdadeiro problema encontrar, durante o dia, um quarto de hora para estar só em face da Bíblia, lê-la, meditá-la, compreendê-la. O homem de negócios ou o operário, a dactilógrafa ou a dona de casa no seu lar, tem os dias cheios, ultrapassando muitas vezes as 8 horas legais de trabalho. E depois, não é preciso comer, descansar, distrair? Mas, fazemos a pergunta: — É a leitura da Bíblia para nós capital ou secundária? Se é secundária,

não falemos mais nela; ela virá quando tivermos tempo, no dia do Senhor ou nas férias, ou nunca. Se é capital, deve ter o seu lugar durante o dia da mesma maneira que uma refeição, uma hora de trabalho, a leitura do jornal ou o sono. É uma questão de vida ou de morte... espiritual!

Quanto ao lugar, sabemos que por vezes é difícil encontrar onde se isolar num quarto, para ter o silêncio e o recolhimento indispensáveis. Lamentamos aqueles que habitam em tugúrios ou em dormitórios; aqueles que nunca podem estar sós! Apesar disso não renunciem à leitura da Bíblia! Tenham a engenhosidade de espírito e a perseverança necessárias, com a disciplina pessoal e colectiva, para ter, apesar de tudo, momentos de tranquilidade e silêncio mesmo relativo. Pode-se chegar a abstrair do ambiente e mesmo do barulho, para se concentrar numa tarefa profunda. Talvez que uma tal disciplina pedida por uma pessoa terá felizes repercussões sobre a vida familiar muitas vezes nervosa e agitada.

Dificuldades intelectuais

As dificuldades intelectuais são mais profundas. São diversas. Duma maneira ou de outra conjugam-se nos seguintes pontos: *carácter literário* dos livros bíblicos muitas vezes pouco atraentes, *acontecimentos históricos* do passado muitas vezes ignorados, *ambiente maravilhoso e miraculoso* das narrativas bíblicas consideradas com cepticismo. A isso podemos acrescentar, se bem que não seja do domínio unicamente intelectual, o aspecto surpreendente e por vezes escandaloso de tal narrativa severamente julgada sob o ponto de vista da moral. Certamente não temos ocasião de estudar estas questões, o que nos levaria muito longe. Mas cremos

poder dizer isto somente: estas dificuldades provêm habitualmente da nossa ignorância e da nossa falsa ideia duma *sobrerania da razão*.

Um pouco de estudo pessoal (os livros existem) permitir-nos-ia compreender facilmente como escreviam os autores antigos, quais eram os seus hábitos, seus costumes, suas ideias. Conheceríamos melhor os grandes acontecimentos da história antiga e da história de Israel e os factos bíblicos tomariam um realce surpreendente. Saberíamos, sobretudo, que a Bíblia não é nem um livro de ciência, nem um livro de moral, nem mesmo um livro de religião, mas uma história humana na qual a acção de Deus se exerceu com paciência e fidelidade, apesar dos desfalecimentos e misérias dos homens. O juízo e a salvação de Deus aparecer-nos-iam, não mais como verdades históricas e longínquas, mas como realidades que foram vividas por um povo antes de serem incarnadas numa pessoa: Jesus Cristo. Além disso, esta acção de Deus ultrapassa o homem e a sua razão e o poder do Senhor é infinitamente maior que o que a nossa razão pode admitir. A razão deve inclinar-se diante de Deus num acto de fé que crê o que o espírito não pode demonstrar e provar. Sem dúvida, todos os problemas e todos os mistérios não se dissiparão como um vapor sob os raios dum sol ardente, mas o horizonte a pouco e pouco se iluminará e a Bíblia tornar-se-á viva para nós. O que nós não compreendemos ainda não bastará para nos velar o que nós compreendemos muito bem, como uma palavra que Deus nos dirige pessoalmente.

Dificuldades espirituais

Isto leva-nos a outras dificuldades que são talvez as mais importantes, e, portanto, sobre as quais pouco há a dizer: são as *dificuldades espirituais*. A leitura da Bíblia aborrece-nos, não nos interessa, parece-nos inútil. Não será porque a nossa disposição interior nos falta porque as nossas preocupações espirituais são vacilantes, porque a nossa vida pessoal está estragada por qualquer verme roedor ou por qualquer interdição moral? Nesse caso a Bíblia incomoda-nos; entrincheira-nos detrás do guarda-vento da nossa incompreensão e dizemos que é demasiado difícil. É verdade? Não deveríamos dizer antes que a Bíblia se torna incómoda porque

não a compreendemos muito bem, porque ela julga-nos, porque exige de nós uma ordenação da nossa vida, um arrependimento, uma mudança de hábitos, uma destruição do nosso orgulho e do nosso egoísmo? Tudo isto se resume numa só coisa: *não estamos em paz com Deus!* Não se gosta de encontrar na rua uma pessoa com quem se não está em regra. Não se gosta de ouvir a palavra dum Deus que nos conhece demasiado bem e nos julga, nos chama e nos convida.

Não nos resta senão uma saída: lançarmo-nos de joelhos e orar a esse Deus que está pronto a perdoar-nos e a erguer-nos, pois para isso veio Jesus. Muitas passagens bíblicas se esclareceriam para nós se soubessemos lê-las orando. A Bíblia e a oração são os dois pratos da balança que se equilibram: a oração faz-nos compreender a Bíblia, pelo Espírito de Deus em nós — e a Bíblia alimenta e conserva a nossa vida de oração. Aqueles que têm dificuldades na leitura da Bíblia, deve-se-lhes perguntar primeiro: orou antes de a ler? É essa talvez a verdadeira solução para todos estes problemas.

(A Bíblia no Mundo)

Assinar a «REVISTA ADVENTISTA»
corresponde a ter à mão um repositório
de artigos do máximo interesse espiritual,
directrizes seguras para a marcha dos di-
ferentes Departamentos e as notícias mais
interessantes do Movimento Adventista
através do Mundo e do campo português.

ELLEN G. WHITE

— Vista pelos que a conheceram — III

por ARTHUR L. WHITE

(Secretário das Publicações de Ellen G. White)

A dona de casa

Fácil é pintar a Sr.^a E. G. White como infatigável escritora e oradora fervorosa, mas não se pensa nela muitas vezes como dona de casa e mãe eficiente, desempenhando-se das muitas responsabilidades domésticas, e cuidando de seus filhos e educando-os.

Durante os primeiros anos da sua vida conjugal, James e Ellen White não tinham rendas regulares, pois não havia sistemática manutenção de ministério. Não tinham residência fixa, mas «resolveram não ser dependentes» (Life Sketches, pág. 105), se bem que grande parte do seu tempo fosse dedicado à obra de Deus. A vida não lhes foi muito fácil, pois o Senhor permitiu que lhes sobreviessem provações, a fim de que não «se assentassem comodamente», «sem boa vontade de abandonar» um lar aprazível. (Ibid., pág. 106). Confiando muitas vezes o cuidado dos filhos a outros, viajavam de um lugar para outro, não se demorando por vezes senão semanas ou meses em cada localidade. Faziam a sua vida em quarto de sobra ou andar superior, com móveis emprestados (Ibid., pág. 123), e por vezes tomavam pensão das famílias com quem ficavam.

Estabelecendo a obra de publicações em Rochester, Nova York, em 1852, alugaram um prédio para servir ao mesmo tempo de morada e de escritório, mas eram «obrigados a exercer a mais rigorosa economia e abnegação» a fim de poderem manter o empreendimento. Adquiriram a mais barata mobília, em segunda mão, algumas peças da qual em necessidade urgente de reparos, e o orçamento para alimentação era tão restrito que, por algum tempo, usavam molho em lugar de manteiga, e nabos por batatas». (Life sketches, pág. 142). Ellen White, no entanto, reputava um prazer ter um lugar estabelecido, onde toda a família pudesse estar reunida.

Pouco depois de mudarem a obra de publicações para Battle Creek, Michigan, em 1855, os White tiveram o privilégio de terem lar só para si; e conquanto estivessem ausentes muito tempo, mantinham a vida de família a fim de proporcionar aos filhos o devido ambiente. Deste tempo até à morte de James White, em 1881, mantiveram o seu lar em Michigan. Tiveram também residência na Califórnia por um período entre 1860 e 1870, dividindo o seu tempo entre a obra crescente na Costa do Pacífico e a sede em Battle Creek.

Um lar em Battle Creek

Referências accidentais que aparecem nos relatos, indicam que o lar dos White era um animado e feliz lugar, se bem que agitado de actividade. O primeiro prédio deles mesmos, era uma casa campestre de seis cômodos, situada em Wood Street, no extremo ocidental de Battle Creek. Atrás ficava o celeiro, a horta e o jardim, e possuíam uma vaca. Tiravam água do poço que servia à comunidade. Em um recanto do seu terreno havia um lugar arborizado, que proporcionava um retiro para a oração.

Uma vez que o tempo da Sr.^a White era muito ocupado em escrever, pregar e viajar, era necessário empregar alguém para a responsabilidade do auxílio caseiro; todavia, ela não abdicava da sua posição como dirigente dos negócios domésticos, como mãe e hospedeira. Os seus diários revelam que, durante a sua permanência em casa e quando em viagem, grande parte de muitos dias era devotada a escrever; contudo, outras actividades não eram negligenciadas. Quando a costura recebia especial atenção, encontrámo-la de dia em dia fazendo «um par de calças», preparando «um casaco para Edson» e fazendo «um coxim para a preguiçosa», ou trabalhando «arduamente o dia inteiro em um vestido para usar no barro». (Diário, 25, 28 de Março e 26 de Abril de 1859).

Nesse ano, a estação de jardinagem foi iniciada com uma «plantação de grose-

lhas», em fins de Março. Aconteceu ser um «frio e ventoso dia» e depois de preparar os hóspedes que partiam tomando emprestadas «capas, luvas e cachecóis para se proteger», ela registou em seu diário: «Na nova terra não há ventos regelantes nem desagradáveis mudanças. A atmosfera é sempre boa e saudável». (Ibid., 24 de Março de 1859).

Nas semanas que se sucederam, foram plantadas todas as groselhas e morangos. Um dia inteiro foi consagrado a «fazer um jardim para meus filhos», pois ela queria «tornar o lar... o mais aprazível lugar para eles». (Ibid., 11 de Abril de 1859). As plantas foram arranjadas entre os vizinhos, e são anotadas trocas de mudas e bulbos de plantas. (Ibid., 11-13 de Abril de 1859).

Depois vinham as compras a fazer. Havia saídas à cidade a fim de comprar coisas, não só para provisão da própria família, mas às vezes para ajudar vizinhos na escolha de mercadorias, pois Ellen White era conhecida como entendida na matéria.

Um dia foi à cidade a fim de adquirir certa fazenda para fazer um par de calças. Pediu ao Sr. Skinner, proprietário da loja, que lhe mostrasse um tecido de pura lã. Ele pôs no balcão uma porção de mercadoria, dizendo ter acabado de recebê-la, e que acreditava ser o que ela estava procurando.

— É tudo lã? perguntou ela ao Sr. Skinner.

— Oh, sim, Sr.^a White, cem por cento lã, afirmou-lhe ele.

Sem hesitar, ela procurou a extremidade desfiada da fazenda, puxou um fio, destorceu-o, e achou algum algodão. Mostrando-o, perguntou:

— Isto é lã, Sr. Skinner?

Muito embaraçado, ele concordou que não, explicando-lhe que havia comprado a mercadoria como pura lã.

Isto mostra o conhecimento que a Sr.^a White tinha dos tecidos, e a sua familiaridade com os assuntos práticos da vida. Sua mãe era uma senhora muito sensata e prática, e criara bem as suas filhas.

A nossa maior necessidade

«Recebereis a Virtude do Espírito Santo» Actos 1:8

Que maravilhosa visão a daquele dia: ver o Mestre elevar-se às alturas!

Aos ouvidos dos discípulos soam, como a mais doce harmonia, as últimas palavras pronunciadas sobre a terra pelo seu querido Comandante: «Recebereis a virtude do Espírito Santo». — Que impressão inextinguível deviam ter recebido os discípulos, enquanto que ainda meditavam nessas últimas palavras saídas dos lábios do Salvador; vêrem-no partir para dar cumprimento às reiteradas promessas do dom do Espírito Santo.

Onde estão agora os temores da separação que alguns dias antes torturavam os seus corações? Todos os receios se dissiparam pela razão de que deixaram de olhar uns para os outros. A visão agora era outra: a do Salvador triunfante que ascendia a ocupar o trono do universo. O Espírito Santo descreve, através da pena de S. Lucas, o estado de alma dos apóstolos nesse dia do «até breve» de Jesus:

«E aconteceu que, abençoando-os Ele, se apartou deles e foi elevado ao Céu. E adorando-O eles tornaram com grande júbilo para Jerusalém». (Luc. 24:51, 52).

O dom do Espírito Santo era a maior necessidade dos apóstolos e da Igreja primitiva. E para nós, que vivemos nos últimos tempos, não será essa também a nossa maior necessidade?

Os primeiros discípulos não podiam tornar-se verdadeiros cristãos sem receberem o Espírito Santo. E esse poder não podia vir, nem do seu apostolado, nem dos homens, nem de um comité qualquer; ele devia vir de uma procedência que eles ignoravam, devia vir-lhes do Alto.

Como representante do Mestre

«Eu rogarei ao Pai e Ele vos dará outro Consolador, para que fique convosco para sempre». O Salvador designava por esta

forma o tempo em que o Espírito Santo viria como Seu representante para realizar uma poderosa obra.

O maior de todos os mestres é representado no meio de nós pelo Seu Santo Espírito». (Acts of the Apostles, 47).

«Graças ao Espírito Santo, o Salvador seria acessível a todos, de modo que Jesus estaria mais perto dos seus discípulos do que se Ele não tivesse subido ao céu». (Id).

O Dom do Espírito Santo

Visto que é esse o meio pelo qual devemos receber o poder, porque razão não deveríamos sentir-nos famintos e ter sede do dom do Espírito Santo? Porque não falar a seu respeito? Orar por obtê-lo e fazer d'Ele o tema da pregação? Não o prometeu Jesus como a dádiva mais valiosa para os Seus discípulos?

«Pois se vós, sendo maus, sabeis dar boas dádivas aos vossos filhos, quanto mais dará o Pai Celestial o Espírito Santo àqueles que Lhe pedirem?»

Os obreiros e o Espírito Santo

Cada obreiro deveria, diariamente, elevar a Deus a sua súplica, a fim de obter quotidianamente um baptismo do Espírito Santo.

«Grupos de obreiros cristãos deveriam reunir-se para pedir uma ajuda especial de sabedoria celeste a fim de que saibam como fazer planos e executá-los sãbiamente... A presença do Espírito Santo com os obreiros de Deus dará à proclamação da Verdade um poder que todas as honras e toda a glória do mundo não podem dar». (Acts of the Apostles, 47, 51).

O Espírito Santo Concedido à Igreja Remanescente

«Quando a Igreja tiver deixado de merecer a censura pela sua indolência e preguiça, o Espírito de Deus se manifestará em graça. O poder divino será revelado. A Igreja verá as dispensações providenciais do Senhor dos exércitos. A luz da verdade espalhar-se-á em raios claros e poderosos e, como nos dias apostólicos, muitas almas se desviarão do erro para a Verdade. A terra será iluminada com a

Glória do Senhor». (Acts of the Apostles, 188).

O Baptismo do Espírito

João Baptista declara: «Eu em verdade vos baptizo com água, para o arrependimento; mas aquele que vem após mim é mais poderoso do que eu... Ele vos baptizará com o Espírito Santo, e com fogo». (Mat. 3:11).

O baptismo do Espírito, é o verdadeiro baptismo, é aquele que produz a regeneração, aquele que nos introduz numa novidade de vida, o qual nos torna herdeiros da vida eterna, que nos garante a salvação; é o baptismo com que «baptiza Aquele que é mais poderoso do que João Baptista», mais poderoso do que os seus ministros, os quais só podem «baptizar com água».

O profeta Isaias explica-nos o símbolo do fogo, dado por João Baptista à acção do Espírito Santo na vida do crente. O Senhor diz que purificaria o Seu povo das suas iniquidades «com o Espírito de Justiça, e com o Espírito de ardor». A versão francesa de Louis Segond traduz esta passagem por «sopro da justiça e pelo sopro de destruição».

A palavra dirigida a Israel era esta: «deixarei cair novamente sobre ti a minha mão; revolvei as tuas escórias, como com a potassa e tornar-te-ei limpo de toda a liga». (Isaias 1:25 — edição francesa).

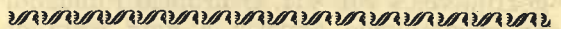
Para o pecado, onde quer que ele exista, «Deus é um fogo consumidor». (Heb. 12:29).

«Em todos aqueles que se submetem ao Seu poder, o Espírito Santo consumirá o pecado». (Desire of Ages, pág. 107).

«Nenhuma formalidade exterior nos pode purificar; nenhuma cerimónia presidida pelo mais santo dos homens pode substituir o baptismo do Espírito Santo. O Espírito de Deus deve realizar a sua obra nos corações.

Todos os que não foram regenerados pelo seu poder são simples praganas no meio do grão». (Test. vol. 5, pág. 227).

P. Brito Ribeiro



ASSINAI E CONVIDAI VOSSOS AMIGOS
A ASSINAR A

«REVISTA ADVENTISTA»

Companhias, Recreações e Diversões

As recreações: uma cortina de fumo

A recreação é um dos importantes elementos que actuam na formação do carácter. É parte essencial da vida. Pouquíssimas pessoas poderiam suportar as disciplinas mentais e físicas impostas pelos negócios e ocupações da vida moderna, principalmente nas cidades, sem incluir no programa semanal algumas horas de saudável recreação. Infelizmente, porém, existem conceitos erróneos sobre o assunto.

Na guerra moderna, um método muito frequentemente usado principalmente no mar, é a cortina de fumo. Esta cobre completamente o cenário marinho onde um ou mais navios de guerra actuam, e impede ao adversário ver a realidade. Há cortinas de fumo de várias densidades, tons e cores. E há também, no mundo moral, cortinas de fumo que escondem grandes realidades; são conceitos falsos e enganosos, ou atitudes erradas que desviam da realidade e levam à ruína.

Uma dessas cortinas de fumo envolve a opinião de muitos quanto a este assunto de recreação e diversões. Consiste na ideia geral de que o cristianismo exige de quem o pratica, uma atitude lúgubre, austera, de tristeza e privações; que seu fruto, isto é, a vida eterna, é uma recompensa remota. Isto, naturalmente, faz com que milhares de pessoas não se interessem no aperfeiçoamento do seu carácter, pelos princípios e virtudes cristãos, porque desejam «gozar a vida». E para tal, entregam-se a diversões de carácter duvidoso.

A grande verdade, todavia, é que o cristianismo, que nos induz a lutar pela formação de uma sólida estrutura moral, traz como consequência gozo e satisfação imediatos, e dá à vida um sentido, um motivo, uma alegria permanente, que não pode naufragar.

Por isso mesmo, exara-se nas Escrituras a vontade de Deus de que sejamos felizes, e somos muitas vezes, com bastante ênfase, convidados a alegrar-nos: «Regozijai-vos sempre no Senhor; outra vez vos digo, regozijai-vos.» Fil. 4:4. O próprio Fundador do cristianismo assistiu a uma festa de bodas, e de bom grado participou daquela alegre ocasião.

Ser cristão não é apenas compatível com uma vida de alegria e gozo, mas também

o único meio de se experimentar a real alegria de viver.

Recreações e diversões

No entanto, acontece às vezes que alguns confundem dois conceitos diferentes. De um lado, as recreações sãs e lícitas, que têm seu devido lugar na vida. De outro, as diversões malsãs, duvidosas, ou abertamente prejudiciais ao carácter. As primeiras proporcionam descanso, alegrem, renovam o espírito, tonificam a alma e dão-nos o recreio a que temos direito em meio à disciplina da vida. As segundas, pelo contrário, esgotam as energias físicas e morais, maculam o carácter e excitam e, se bem que produzam prazer momentâneo, não oferecem gozo permanente, mas apenas deixam na alma um vazio e uma sede de maiores excitamentos.

Numa das grandes cidades balneárias da costa do Pacífico, na qual havia óptima praia, com um clima ideal e encantadora alameda que garantia aos turistas a necessária protecção nas horas de maior calor, haviam-se colocado estranhos letreiros, que proibiam o banho ali; convidavam, porém, a que se servissem de amplas piscinas feitas perto da costa, com água marinha. Ao ser-lhes perguntado o motivo, respondiam os naturais da região que, em certas épocas, aquelas águas se achavam infestadas de tubarões.

Um dia, alguns rapazes, querendo exibir a sua ousadia, começaram a desafiar-se uns aos outros, para ver quem nadaria em pleno mar, a despeito dos cartazes. Um deles aceitou o desafio, e lançou-se às ondas.

Era excelente nadador. Nadava pleno de felicidade, sentindo reais calafrios de emoção, ao sulcar as águas proibidas. No entanto, pouco durou a sensação de prazer. Dentro de poucos instantes ouviram-se gritos de angústia. Uma das pernas foralhe decepada por um tubarão, e o pobre rapaz lutava desesperadamente pela vida.

Com a mesma rapidez do ocorrido, uma lancha da polícia marítima alcançou o local, arrou o tubarão e libertou o jovem da angustiada situação a que o levava a sua própria temeridade. Meses de hospital, de sofrimento, e uma semi-invalidéz para o

resto de seus dias constituíram o epílogo daquela aventura de rapaz.

O folgazão queria experimentar uma emoção nova e estranha, e de facto a sentiu. Mas não valeu a pena. O resultado foi toda uma vida de inutilidade e agonia.

Há jovens que, embora convencidos de quão perigoso é atirar-se às águas proibidas das diversões mundanas, preferem fazê-lo, porque desejam provar emoções estranhas. Poderá haver emoção, não há dúvida, mas não compensa aventurar-se por essas águas vedadas do inimigo. Trazem consigo apenas dor e ruína, e às vezes permanente invalidez moral. É melhor conhecer o frescor e prazer que se desfrutam na piscina das recreações sadias, que refrigeram sem deturpar o carácter.

Entre as recreações sãs, contamos as brincadeiras inocentes, feitas no ambiente de família; as excursões aos campos; reuniões literárias e musicais de teor elevado; o cultivo de uma horta ou jardim; e alguns desportos saudáveis e convenientes, como natação, remo, voleibol, etc.

Classificamos, também, à guisa de ilustração, as seguintes diversões como duvidosas, francamente prejudiciais ao carácter:

a) Os desportos violentos, que exigem exagerada actividade do coração, e criam um espírito de apaixonamento, rivalidade e atropelo, como o futebol, boxe, etc.

b) Os espectáculos públicos picantes, o cinema e as representações teatrais excitantes para a sensibilidade emotiva do homem.

c) Os jogos de azar.

d) O baile.

e) A música leviana.

f) Muitas das audições radiofónicas, etc.

A verdade quanto ao cinema

Lamentamos bastante que a exiguidade do espaço nos impeça de expandir-nos sobre as razões que nos levam a indicar como diversões mundanas que prejudicam o carácter, algumas das actividades de recreio que se praticam nestes dias. Mas ao menos não desejamos omitir certas considerações específicas quanto a uma das mais prolíferas fontes de males do Mundo moderno — o cinema.

Nas grandes cidades, extensas filas de pessoas, de todo o tipo, cultura e classe social, aguardam pacientemente o instante de adquirir a sua entrada para o cinema.

Na verdade, perguntará alguém, por que é condenável o cinema? Não é, por acaso, fonte de cultura? Não há ali muitos elementos de arte, que enriquecem a personalidade? Ninguém discute que, na maioria, as películas são prejudiciais; mas não é certo que há bastantes filmes bons?

Devemos lembrar-nos, primeiramente, de que as películas cinematográficas são o produto de uma indústria lucrativa, cujo preparo visa unicamente a necessidade de serem essas produções bastante atractivas e excitantes, a fim de se obter a aceitação geral de um público moderno, de gostos pervertidos. O valor ético, o conteúdo filosófico e o fundo moral das películas, mesmo nas melhores, não são motivo de preocupação alguma para os industriais de Hollywood e outras empresas. Tudo se acha subordinado à excitação emocional, que assegurará o êxito das bilheteiras. É este, infelizmente, o mesmo princípio que rege a produção de novelas, revistinhas e trabalhos de ficção, os quais superlotam as livrarias e bancas de jornais.

Por outro lado, os enredos dos filmes baseiam-se numa fuga à realidade. É uma falsa apresentação da existência real, como também do ideal para a vida e os meios de alcançá-lo.

Em terceiro lugar (precisamos ser concisos), as emoções e experiências da vida, descritas nas películas cinematográficas, arraigam-se de maneira tão vívida na mente, que estimulam na alma a produção de sentimentos correspondentes, vindo assim o espectador a procurar imitar o que observa. É difícil resistir à imperiosa sugestão dos crimes, imoralidades e situações escabrosas que formam o condimento indispensável das películas.

Blaise Pascal, o célebre matemático, físico e filósofo francês do século XVII, legou-nos este pensamento: «Todas as grandes diversões são perigosas para a vida cristã [o carácter]; mas entre todas as que o Mundo inventou, outra não há para temer-se mais do que o teatro [em seus dias não havia cinema]. É uma representação das paixões em forma tão natural e subtil, que as excita e as faz surgir em nosso coração, especialmente as lascivas.»

— *Pensées.*

Em quarto lugar, baseados sempre nos efeitos dos «bons filmes» sobre os adultos, o cinema prejudica para sempre o carácter, porque suscita um excesso de emoções, sem dar aos assistentes a oportunidade de traduzi-las em acção. Noutras palavras,

sobrecarrega e esgota a reserva emocional, lesando o nosso delicado mundo psíquico. Isto, repetido vez após vez, endurece a sensibilidade emotiva, pois os quadros não se movem apenas ópticamente, mas também emotivamente, e não dão lugar a uma acção apropriada.

Isto tudo, naturalmente, falando dos filmes chamados «bons», dos melhores, vistos por adultos. Mister se faz, porém, recordar que a maioria não pertence a esta classe, e mais de 50 % do público que frequenta o cinema, é composto de crianças, adolescentes e jovens. Estes dois factores agravam sensivelmente toda a questão.

O distinto médico argentino e professor universitário, dr. Marcos Vitória, escreveu, faz algum tempo, o seguinte em «La Nación», referindo-se ao cinema:

«O cinema possui-nos, domina-nos, devora-nos e sem piedade introduz-nos em seu poderoso realismo. Mas não o faz, acentuamos, mediante os mecanismos da convicção lógica, do raciocínio, por influências intelectuais. Vem a nós e arrebatava-nos, em primeiro lugar, por outros factores, aos quais nenhuma inteligência pode resistir: as poderosíssimas garras afectivas, emocionais e da ressonância instintiva. E é por isto que o cinema convence, sugestiona e *hipnotiza*.»

Efeitos do cinema na criança e no jovem

Falando das crianças, adolescentes e jovens, urge lembrar que são dotados de um mundo psíquico extraordinariamente sensível e delicado, à mercê de industriais que nenhum escrúpulo têm na produção de películas que lhes garantam os maiores lucros.

Estatísticasmeticulosamente compiladas demonstram que nos Estados Unidos, em 1929, o termo médio de assistência anual ao cinema era de 77.000.000, dos quais 28.000.000 eram jovens menores de 21 anos. Num dos bairros de Nova Iorque, nada menos de 53 % dos assistentes eram crianças e jovens que não alcançavam essa idade.

Não podemos, pois, à luz destes factos, achar a razão das precocidades das crianças de hoje, com o seu carácter rebelde, indomável, e do extraordinário incremento da delinquência infantil e juvenil? Temos de lembrar que os filmes não tomam em consideração, absolutamente, a delicada

constituição emocional e psíquica da criança e do adolescente.

De *Influencia del Cine en la Conducta del Niño y del Adolescente*, interessante trabalho do escritor Pedro N. Urcola, extraímos os seguintes parágrafos que, de maneira concreta e magistral, resumem os graves prejuízos de que são vítimas os mais jovens da família humana:

«O delicado complexo do mundo emocional dos pequenos, ao ser violentamente tocado por películas cujo tema central é o crime, o homicídio, a guerra com todos os seus horrores, o mistério, o sexo, etc., é abalado em suas próprias raízes. ... Tal estímulo, qual descarga eléctrica que se lhes vai acumulando no sistema nervoso, ... de maneira imperceptível embora positivamente progressiva, vai-lhes corroendo a vontade, fraquejando as proibições que lhes apontam a boa conduta, e os tornam assim indisciplinados e rebeldes, quando não fazem deles delinquentes precoces.

«Os filmes que envolvem o sexo — e há-os de carácter francamente pornográfico! — exercem tremenda influência no psiquismo geral da criança e do adolescente; naquela, porque lhe aguça a natural curiosidade, e neste, por encontrar-se em pleno desenvolvimento sexual. ... Nesses momentos, a imaginação do pequeno e do juvenil atinge a tensão máxima, e a cena fica-lhe gravada no cérebro, com caracteres indelevelis, e em muitos casos ali permanece para o resto da vida. Temos comprovado, em palestras íntimas com adolescentes, que tais cenas constituem o seu mais rico caudal de imagens eróticas, das quais se utilizam — e infelizmente com muita frequência — para alimentar a sua própria concupiscência e entregar-se ao prazer solitário.»

«Quanto menino existe, nesta nossa época, insolente e malcriado, ao qual classificamos com o bonito termo de precoce! E não hão-de ser assim as crianças de hoje, se antes de passarem pela escola, tiveram de frequentar as aulas do cinema, onde à força de verem toda a espécie de vileza, ladrões e assassinos que astutamente escapam à acção da justiça; mulheres profanas e extraviadas, que triunfam sobre a recatada e digna, roubando-lhe muitas vezes impunemente a paz do lar; jovens, e em muitos casos adolescentes, transformados em heróis de causas contrárias às mais elementares leis da decência e do decoro; homens hipnotizados pelo ouro, para os quais, a fim de possuí-lo, a decência e

a honradez não passam de termos formosos; seres obcecados pelo poder, pela glória e os desejos de preeminência, que lançam mão de todas as baixezas e indignidades e crimes para que possam alcançar as suas ambições mesquinhas; jovens de ambos os sexos acham desfigurados e estreitos os limites da casa paterna, onde a mesa sóbria e honrada estabelece um contraste com os lautos e sensuais banquetes do herói e heroína vistos no filme; como dissemos, à força de ver tais exemplos, vão as crianças e juvenis afrouxando as inibições que lhes apontam a conduta, aprendendo com o próprio tempo um sentido errôneo dos valores morais e espirituais que devem constituir o fundamento da sua personalidade, ora em plena formação.»

Apenas as influências protectoras

Aquele que almeja galgar continuamente até aos horizontes de uma vida melhor, e formar uma personalidade que lhe garanta o êxito e satisfação, escolherá como seus associados, amigos e companheiros, apenas as pessoas de influência nobre e dignificante; e participará somente de recreações construtivas, que fortalecem a mente e o espírito, abstendo-se daquelas que deixam no carácter marcas de degradação e dor.

Rodear-se-á, pois, de influências protectoras que coadjuvarão no labor da construção da ponte que o levará ao triunfo e à felicidade.

Relatório Estatístico da Escola Sabatina

(I Trimestre 1954)

O presente relatório não carece de comentário especial. Com muito prazer o confiamos à apreciação de todos os membros da Escola Sabatina que nos lerem. Sabemos que todos os que amam a Escola

do Sábado e sabem quanto a sua vida cristã lhe deve, gostarão de se demorar uns instantes sobre os números expostos no quadro comparativo que damos a seguir.

CAMPOS	Núm. de Escolas	Núm. de Membros	Núm. de Presenças	Núm. de Baptismos	Oferta 12 Sábados	Oferta 13.º Sábado	TOTAL de Ofertas
Conferência	17	1.942	1.591	30	15.369\$50	6.287\$20	21.656\$70
Missão da Madeira	3	177	170	5	2.049\$80	423\$70	2.473\$50
» dos Açores	4	146	114	—	1.153\$30	306\$70	1.460\$00
» de S. Tomé	5	488	474	—	1.291\$00	1.386\$00	2.677\$00
» » C. Verde	6	—	247	—	616\$70	362\$65	979\$35
	35	3.056	2.596	35	20.480\$30	8.766\$25	29.246\$55
I Trim. 1953	35	2.859	2.447	41	17.245\$00	8.110\$60	25.355\$60

Imaginai, por uns instantes, que estais sentados na vossa classe, no santo dia de Sábado, ouvindo a velha história do amor de Jesus, repetida pelo professor. Pensai agora que, no mesmo momento, 3.056 vossos companheiros de estudo, de várias idades, em toda a nossa União, estão sentindo, como vós, o amor e a ternura de Jesus tocarem os seus corações. Não vos enche esse pensamento de um prazer e uma alegria que nada neste mundo pode igualar? Notai ainda mais: Nesse Sábado ouvís-

tes ler o Boletim Missionário, no qual um director de campo do mais afastado solo brasileiro faz um comovente apelo para o auxiliarem a montar uma clínica no seu território. Ali muitos infelizes poderão receber a cura dos males físicos e ouvir falar do amor salvador de Jesus. Logo o vosso coração se comoveu e dos vossos poucos ou muitos recursos destes uma generosa oferta para ir em auxílio da Obra de Deus nesse território. No mesmo momento, o vosso gesto, como que transmi-

tido por uma corrente eléctrica, foi imitado por alguns milhares de outras mãos, e assim repetido durante três meses, deu



Alguns jovens de Lisboa que colaboraram na campanha das Missões

como resultado a soma de 29.246\$55, oferta muito superior à dos trimestres transactos e nunca excedida na Escola Sabatina da nossa União.

Continuai a interessar-vos pelo progresso deste ramo da Causa de Deus, dai-lhe todo o vosso apoio e dedicação, e vede se não sois capazes de dizer: «O Senhor operou maravilhosamente em nosso favor, pois muitas almas foram trazidas para o Mestre como preciosos molhos para o celeiro celestial»!

O Secretário da Escola Sabatina da União

P. Brito Ribeiro

HISTÓRIA DE UM COLPORTOR

Um ministro e sua esposa foram enviados a visitar uma família de crentes que vivia a uns quarenta quilómetros de caminho de ferro. Ao chegarem lá, perguntaram ao cavalheiro como a mensagem o havia alcançado naquele retiro tão distante, e ele contou a história seguinte:

Na minha juventude eu era um perdido, possuindo todos os vícios da idade. Bebia, fumava, mascava, jogava e usava linguagem obscena. Era um líder entre os jovens e mesmo depois de casado o coração de muitas mães se partia ao saber que seus filhos haviam caído sob a minha influência. Nada sabia acerca de religião, tão-pouco me interessava saber alguma coisa a esse respeito. Nas reuniões de reavivamento muitas orações se faziam em meu favor. Mas após essas reuniões o meu coração era mais duro do que antes, e eu determinava não ceder nunca.

Um dia, quando trabalhava em minha fazenda, veio visitar-me um homem de meia idade. Logo descobri que se tratava de um agente de livros, profissão que eu especialmente odiava. Jactava-me de saber como me livrar em três tempos dessa espécie de gente. Mas, o aspecto bondoso e nobre desse homem, juntamente com a seriedade que manifestava, impressionaram-me, não obstante o meu preconceito. Ouí a descrição do seu livro, todavia ao saber

que era livro religioso recusei comprá-lo.

Contudo, não me era fácil livrar-me do homem, mesmo que não quisesse comprar o livro. Deixei-o mesmo entrar em casa e ali, com maneiras paternais, pôs-me a mão no ombro e fitando-me nos olhos, disse:

— Jovem, não sou mero vendedor de livros, tão-pouco trabalho por amor ao dinheiro. Sou missionário, ocupado nos negócios do meu Rei. O grande Deus do Céu enviou-me com uma mensagem ao senhor. E, tomando o seu livro sem tirar a mão do meu ombro, disse: a mensagem está neste livro. Deus deu-lhe uma esposa nobre e lindos filhos, e no juízo Ele requererá de suas mãos estas almas. Aqui está a chave, o guia para uma Terra melhor. O senhor precisa desta chave. Ajoelhemo-nos aqui mesmo e falemos ao Rei sobre o caminho que o senhor deve tomar.

Comumente eu teria ficado muito enraivecido com essa maneira de proceder. Mas as lágrimas nos olhos do homem e a sua voz trémula de emoção fizeram-me mudar de propósito, e para grande surpresa de minha família e para surpresa minha, os meus joelhos dobraram-se com os daquele homem de Deus, enquanto ele derramava a alma em oração pela minha salvação. Para acalmar a consciência, tão rudemente despertada, e para livrar-me daquele ho-

mem, resolvi comprar o livro. O seu título era: «Estudos Bíblicos». Durante todo aquele tempo eu pensava: nunca hei-de ler esse livro! Mas não pude livrar-me do homem tão facilmente. De novo me colocou a mão no ombro e com ternura disse: Não, se eu fosse simples agente de livros, o meu trabalho estaria agora terminado. Mas sendo eu embaixador do Rei, tenho outra mensagem para o senhor. Não basta que o senhor compre o livro, tem de lê-lo também! Hei-de orar pelo senhor.

Deixou-me atônito e perplexo. Voltei ao trabalho depois de ter ficado com o livro, entretanto esforçava-me para esquecê-lo. Mas não conseguia esquecer aquele nobre rosto erguido a Deus em oração. Obstina-damente resolvi nunca tirar da estante o livro. No entanto, em vez de ir directamente para a cama depois do jantar, tomei o compêndio e li-o até à meia-noite. Fiz isso durante uma semana. Notei pedacinhos de papel marcando certos lugares e descobri que minha esposa estava estudando o mesmo volume durante o dia. Assim, ambos resolvemos estudar um assunto cada noite. Ela lia as perguntas e eu respondia-as lendo as passagens na Bíblia. Certa vez perguntei timidamente à minha esposa se ela era capaz de orar como aquele homem. Respondeu-me que não podia orar como ele, mas procuraria fazer o melhor possível. Assim iniciámos o altar da família no nosso lar.

Antes de nos deixar, quando nos visitou, aquele homem de Deus deu à minha esposa um exemplar do livro «Para Além da Morte» e várias revistas. E imediatamente escrevi aos editores pedindo que me enviassem mais literatura. Ao ler os artigos sobre temperança, concluí que a conversão teria de ser acompanhada de reformas em minha vida, de maneira que disse adeus à minha cachaça, ao meu cachimbo, às minhas cartas de jogar, e deixei de usar linguagem obscena.

Veio, então, uma breve luta sobre a questão do estado dos mortos. Mas o livrinho «Para Além da Morte» e também «Estudos Bíblicos» esclareceram o caso e comecei a guardar o sábado. Ao observar o primeiro sábado em minha vida, dois de meus vizinhos e minha esposa resolveram guardá-lo comigo.

Nunca dantes vi um pregador, porém conheço todos os pontos da mensagem. Diga-me, pastor, quando poderei ser baptizado? Sem esperar resposta e com uma face que resplandecia como a de um anjo, estendeu-me os braços e disse:

Oh! Diga-me onde ele está? Onde está esse mensageiro do Rei que me veio visitar? Onde mora ele? Onde o poderei encontrar? Talvez peque dizendo isto, mas eu preferiria vê-lo a ver um anjo do Céu, ou os meus parentes mais chegados aqui na Terra».

B. E. Wagner

QUATRO VITÓRIAS NO CAMPO MISSIONÁRIO DE BENGUELA-ANGOLA

Não é só nos campos de batalha deste mundo que se alcançam vitórias para a conquista de povos e nações do globo. As nações orgulham-se do seu poderio, e muitas têm conseguido pela força das armas o que de outro modo não o conseguiriam. Verificamos através da história dos povos a luta desenfreada para a conquista de uns contra outros, e têm caído reinos e têm-se estabelecido fronteiras, dividindo assim as nações, mas a luta continua!

Começou no Céu a primeira luta contra um governo santo, mas aquele personagem que desencadeou a luta num desejo de supremacia foi derrotado, e esta luta tem continuado na Terra durante alguns pou-

cos milénios. A batalha travou-se no Céu e tem continuado na Terra; dois reinos estão divididos: o Reino das Trevas, ou seja o reino de Satanaz, e o reino da Luz, que é o reino de Jesus Cristo. Deus fezera o homem à Sua imagem, segundo as Escrituras nos informam, mas logo o homem perdeu o domínio, foi conquistado pelo enganador, que é o Diabo e Satanaz. Todavia, Deus Todo-Poderoso incumbiu o homem de participar na luta contra o reino das trevas até se alcançar a vitória completa!

E assim é que estamos empenhados neste formidável campo de batalha no desejo de conquistarmos almas que se deba-

tem na luta contra o pecado vivendo sem Deus e sem esperança no mundo.

Cristo disse: «O campo é o mundo»... No campo missionário em todas as partes da Terra, se trava uma luta constante contra as hostes inimigas, contra o príncipe das trevas deste mundo, num desejo de alcançarmos trofeus de vitória para Cristo. Quantos esforços, quantas lágrimas, quantas orações, quanto dinheiro gasto para o engrandecimento do reino da luz? E a luta continua! Ela continuará até ao fim deste mundo e a vitória é certa!

As Escrituras Sagradas nos relatam a luta que se travou entre David e o gigante Golias... «Disse pois o filisteu a David: Sou eu algum cão para tu vires a mim com paus? E o filisteu amaldiçoou a David pelos seus deuses. Disse mais o filisteu a David: Vem a mim e darei a tua carne às aves do Céu e às bestas do campo. David, porém, disse ao filisteu: Tu vens a mim com espada e com lança; PORÉM EU VENHO A TI EM NOME DO SENHOR DOS EXÉRCITOS, o Deus dos exércitos de Israel a quem tens afrontado». (I Samuel, 17:43-45).

David alcançou a vitória sobre o ímpio filisteu com o auxílio de Deus, de outra maneira não poderia vencer na luta contra o inimigo. O mesmo sucede nos nossos dias: para se alcançar a vitória na conquista das almas é necessário irmos em nome do Senhor.

Neste campo missionário de Benguela quatro vitórias foram alcançadas para honra e glória de Deus! Está presente-mente em construção um lindo Templo na cidade de Benguela, tendo-se procedido ao lançamento da primeira pedra no dia 13 de Abril de 1954. Transcrevemos aqui na íntegra o registo feito na Acta da Igreja, que é como segue:

«Aos treze dias do mês de Abril de 1954, procedeu-se à cerimónia do lançamento da primeira pedra para a construção dum Templo dedicado ao Senhor. Iniciou-se com um hino, n.º 194, seguido da leitura do Livro de Crónicas, 6:14-42 e oração. Após a qual foram proferidas algumas palavras, como seguem:

Estão levantados em todo o mundo monumentos-igrejas que foram dedicados a Deus e para a proclamação da Sua Verdade! Registamos pela primeira vez este acontecimento da primeira pedra para um Templo em Angola, o qual ficará como um testemunho, como em tantos outros lugares.

Benguela pode orgulhar-se pelo privilégio que tem em possuir um Templo onde será proclamada a Verdade da Palavra de Deus. Ele servirá de conforto para os seus crentes e uma porta aberta para todos que nele desejem entrar.

Ao lançar a primeira pedra como Pastor do rebanho do Senhor, e representando a Obra Adventista em Angola, quero dar juntamente convosco graças a Deus pela oportunidade que Ele nos concedeu de construirmos a Sua casa. Como Samuel, que lançou a pedra entre Mispa e Sen, podemos dizer: «Até aqui nos ajudou o Senhor!»

Os meus pensamentos vão também para todos os que vão trabalhar nesta obra, e estamos certos que todos se compenetrarão das suas responsabilidades, para que este Templo se complete perfeitamente e fique uma obra sólida para honra e glória de Deus e para alegria de todos nós. Amen!»

Depois de serem proferidas estas palavras, cantou-se um hino n.º 186 «A Deus demos glória» e oração; estando presentes irmãos e amigos da Igreja os quais vão assinar comigo».

Há já um ano que demos início aos nossos programas da Voz da Profecia! Foi a estação Radiodifusora de Benguela a primeira a irradiar os nossos programas, que a princípio eram quinzenais e presente-mente, e já há muito tempo, são semanais. Estes programas, irradiados por esta primeira emissora portuguesa de 1 kw de potência, têm alcançado Angola inteira, atingindo outras regiões do exterior. As emissões da Voz da Profecia vão para o ar todas as segundas-feiras, às 20,30 horas (oito e meio da noite), em onda curta nas bandas de 31 e 60 metros, sendo esta última banda dos 60 metros aconselhável para os ouvintes que se encontram distantes. Apesar do processo lento para a obtenção de respostas aos nossos programas, que aliás têm agradado muitíssimo, recebemos já algumas cartas pedindo lições grátis do Curso da Voz da Profecia. Confiamos em Deus que num futuro não muito distante mais se inscreverão neste Curso gratuito da Voz da Profecia. A duração de cada emissão é de 15 minutos, ouvindo-se lindos coros e belas mensagens. Oremos ao Senhor para que estas mensagens não só penetrem em cada lar mas sim em cada coração e que uma grande messe de almas possam ser ganhas para Cristo!

Foi no passado dia 20 de Março de 1954, que se procedeu à inauguração duma

Escola-Igreja para nativos nos arredores da cidade de Benguela. É uma escola de tipo rústico construída de «adobes», barro próprio para se fazerem do tamanho de blocos de cimento, caiada por dentro e por fora, tendo ao fundo a tribuna cimentada e serve ao mesmo tempo de sala de aula, tendo logo de início matriculado onze alunos. Assistiram à inauguração desta escola os senhores Inspector Jorge Marçal, que gentilmente nos cedeu o terreno para a construção da nossa escola, Pastor Armando J. Casaca, Secretário dos Departamentos da União, Joaquim Miranda, Director da Missão do Bongo e meu substituto actualmente em Benguela, o Professor nativo Agostinho Jorge e Pastor Américo J. Rodrigues. Em síntese, segundo a acta da Igreja e em referência à dissertação do Pastor A. Casaca, o qual pôs em evidência a acção colonizadora dos portugueses em África, as descobertas dos navegadores, tudo assim contribuindo para abrir o caminho para o desenvolvimento da obra missionária entre os pagãos.

E, finalmente, mais uma vitória na abertura duma sala de cultos públicos em Moçâmedes. Esta cidade fica daqui a umas duzentas e trinta milhas marítimas e ao longo da costa serão aproximadamente uns 450 quilómetros por terra. Ali se estabeleceu o trabalho há já três anos e o Senhor nos tem abençoado grandemente. Tem estado à frente deste trabalho os irmãos Carrilho, e com eles contamos mais que se entregaram a Cristo pelo baptismo, sendo de dez o número total de membros daquela escola anexa. E agora, ao despedir-me de todos vós, caros irmãos e amigos, não podemos deixar de apresentar os nossos agradecimentos a todos que nos auxiliarem neste campo a alcançarmos com Cristo a vitória! Queira o Senhor abençoar igualmente o meu sucessor irmão Joaquim Miranda, que de ora avante continuará a lutar para alcançar mais almas para o Reino de Deus!

Pastor A. J. Rodrigues

ATRAVÉS DO MUNDO ADVENTISTA

A 10 de Maio, os irmãos da Conferência Geral, incluindo os das Divisões, reuniram-se em S. Francisco para preparar a sessão quadrienal que devia começar no dia 24, à noite. A partir do dia 17 tiveram lugar as Convenções das actividades variadas da nossa Obra. Essas Convenções terminaram a 24 de Maio. Na noite desse mesmo dia, abriu-se a 47.^a sessão quadrienal, com aproximadamente 1.000 delegados, vindos de todas as partes do mundo. A primeira sessão da Conferência Geral teve lugar a 21 de Maio de 1863, com 20 delegados vindos de seis conferências da América. A importância dessas sessões não deve escapar a nenhum adventista. É ali que, sob o olhar de Deus, são adoptados os planos de acção para o futuro. O primeiro dia da sessão, 25 de Maio, foi um dia de jejum, de oração e de consagração. Roguemos ao Senhor para que abençoe tudo o que foi feito nesta grande assembleia do povo adventista!

Ecoss da Assembleia da Conferência Geral

Segundo notícias particulares recebidas, sabemos que foi nomeado Presidente da

Conferência Geral dos Adventistas o irmão R. R. Fighur, que foi Presidente da Divisão Sul-Americana e últimamente era vice-presidente da Conferência Geral, tendo já visitado Portugal. O irmão W. R. Beach, que há tantos anos pertencia à família da Divisão Sul-Europeia, sendo durante os últimos anos seu Presidente, foi nomeado secretário da Conferência Geral. O novo Presidente da Divisão Sul-Europeia é o irmão M. V. Campbell.

A «Voz da Profecia» no Brasil

R. M. Rabello é o locutor da «Voz da Profecia» no Brasil. O nosso curso por correspondência está assegurado por oito devotados obreiros. Os nossos pregadores leigos ajudam-nos muito. Desde o começo do curso inscrevemos 137.650 alunos, dos quais 33.686 continuam ainda as suas lições. Em Junho de 1953 contávamos 9.358 diplomados. Mais de mil pessoas foram baptizadas como fruto directo da «Voz da Profecia».

Recebemos numerosas cartas encorajadoras dos nossos alunos e ouvintes. Eis entre outros, extractos das muitas que recebemos diariamente:

«A palavra de Deus é cada dia o objecto do meu estudo, a luz sobre o meu caminho, a melodia do meu canto, o guia dos meus passos, o suspiro dos meus desejos e o entusiasmo do meu coração. Agradeço à «Voz da Profecia» por me ter assim mostrado este livro maravilhoso». — Magi das Cruzes. São Paulo.

«Estudo a Bíblia com um profundo interesse desde há alguns anos. Posso agradecer à «Voz da Profecia» por me ter assim apresentado a Palavra inspirada. Estou-vos tanto mais reconhecido porque o estudo das vossas lições fizeram de mim, dum simples aluno, um monitor duma classe elementar». Santo Ângelo, Rio Grande do Sul.

«Desde a idade de dois anos que tenho gozado todos os prazeres do mundo. Entretanto, um dia ouvi pela rádio falar do

Evangelho. Estava então na prisão. Inscrevi-me no vosso Curso por correspondência e recebi, mais tarde, a visita dum membro do vosso pessoal. Apreendi assim mais claramente como me preparar para me encontrar com o Senhor. Hoje sou adventista. Peço-vos para orardes por mim a fim de que permaneça fiel até à volta de Jesus. Nunca encontrei um caminho mais seguro como o vosso para viver como um verdadeiro cristão». — Corregio da Divisa, Espírito Santo.

«Antes de ouvir as vossas emissões da «Voz da Profecia» nunca tinha ouvido falar da questão do Sábado. Com fé e convicção, considero hoje que o Sábado é verdadeiramente o santo dia do Senhor. Se hoje conheço o caminho da Salvação é a vós que o devo». — São Paulo.

UM ASSUNTO DIFÍCIL

Por F. D. Nichol

Uma realidade que amiúde se apresenta à esposa e mãe quando aceita a verdade, é esta: Que farei quando meu marido me pedir que o acompanhe ao teatro ou ao cinema? Este problema não é fácil de ser resolvido, pois às vezes o marido tem grande dificuldade para compreender a atitude da esposa, e ela naturalmente tem relutância em ofendê-lo e deixá-lo que busque sozinho o seu entretenimento e recreação. E além disso, que pensarão os filhos?

Parece-nos que a única maneira acertada de abordar o problema é fazendo uma pergunta: É a ordem denominacional referente aos teatros e cinemas simplesmente um capricho, ou reflecte um princípio espiritual genuíno que devia ser observado a todo o custo? Cremos que a ordem se funda num princípio espiritual. Os teatros e cinemas representam aspectos da vida que, pelo comum, são diametralmente opostos ao que professamos. Não podemos, por esse motivo, frequentar esses lugares de diversão sem perigo para os nossos ideais cristãos. Demais, a verdade é que chegamos a amoldar-nos ao que contemplamos. Poderemos ir ao teatro para rir-nos de situações, ou cenas, ou ditos, contrários ao nosso ponto de vista concernente à vida, e que são talvez um desafio aberto ao nosso conceito de princípios verdadeiros?

A resposta a essa pergunta é clara. Por

consequente, um único caminho pode a mulher tomar, isto é, assentar em seu coração o princípio de que não irá, não importa quão insistentemente se lhe rogue. Há fortaleza numa decisão firme e resoluta. Com efeito, é metade da luta.

Mas isso é apenas um aspecto do problema. Aí não está em jogo somente a salvação da mulher; está também a do esposo e a dos filhos. Como pode a mulher esperar exercer influência sobre eles para que pratiquem os princípios que professa, se esteve divertindo-se com eles em espectáculos que podem ofender esses mesmos princípios? Ela própria se coloca em posição muito desvantajosa em seu esforço por ganhar a seus familiares para Deus, porque frequentemente a mulher deve confiar mais na influência da sua vida do que em qualquer outro argumento doutrinário que possa apresentar.

Existirá coisa mais importante para a esposa ou mãe do que procurar ganhar sua família para Deus? Admitimos a força do argumento de que, a não ir com o marido a esses lugares de diversão, pode cortar algumas relações e perder, em parte, a sua influência sobre ele. Mas, buscaremos manter a nossa influência sobre alguém no reino do amor terreno se ao fazê-lo expomos ao perigo a influência que devíamos exercer a favor das coisas celestiais?

«Que direi a meu marido?»

Mas ainda quando todos estes aspectos do problema estejam solucionados, permanece todavia uma dificuldade: Que direi a meu marido? Como lhe explicarei o meu novo ponto de vista da vida para poder ajudá-lo a sentir que fiz uma boa decisão, ou levá-lo a respeitar-me mais do que antes? Evidentemente, não se pode dar ao caso uma única resposta. Assim como em muitas outras circunstâncias, a situação particular determina grandemente o que se há-de dizer em resposta.

Em primeiro lugar, se o marido simpatiza com a verdade a resposta diferirá um pouco do que o seria se não simpatizasse.

Com efeito, se ele simpatiza com a verdade, a esposa pode falar simplesmente deste modo: «Crês que fiz uma boa decisão ao unir-me à igreja adventista? Sei que desejas que eu realmente viva a minha religião, não é verdade? Sei que desejas que eduque os nossos filhos no mesmo caminho. Na igreja adventista cremos que existe alguma coisa melhor e mais valiosa do que o teatro. Muito aprecio o teu convite para as diversões nocturnas. Mas preferiria passar a noite em casa contigo e com os nossos filhos. Vocês são uma companhia muito boa e muito pouco os vejo durante o dia.»

Se o esposo não simpatiza, ou talvez é hostil, o caso é indiscutivelmente muito mais difícil. Mesmo assim, porém, existe alguma coisa que a esposa pode dizer, que explique a sua posição e melhore a situação. Não nos atrevemos a dizer como deveria coordenar as suas palavras, mas vamos oferecer-lhe uma ou duas sugestões. Pode dizer:

«É uma atenção muito grande de tua parte o convidares-me esta noite para sair. Realmente aprecio-o muito. Mas sei que em-

bora não possas ter interesse na igreja à qual me uni, não quererias que fosse hipócrita. Esta é uma das piores coisas que poderia ser, não achas? A igreja adventista não crê que seja bom assistir a espectáculos teatrais, o que também eu creio. Sei que não desejarias que acreditasse em certa coisa durante o sábado e noutra durante a semana. Sei que não queres isso. E creio deveras que sentes que um pouco de religião fará bem a nossos filhos. São eles a coisa mais preciosa que temos no Mundo. Como poderia eu ter êxito ao ensinar-lhes ideias religiosas se assumo atitude de hipócrita, e realmente levo uma vida dobre no que diz respeito a princípios religiosos? Desde que me uni à igreja adventista, estou mais interessada do que nunca antes em ti e em nossos filhos. Deveras quero fazer do lar o recanto mais feliz e agradável do Mundo. Não deves levar-me ao teatro pensando seres atencioso para comigo; sentir-me-ia muito feliz se permanecesses em casa comigo esta noite.»

A cruz que devemos levar

Não pretendemos afirmar que uma declaração como esta da parte da esposa infalivelmente melhorará a situação ou modificará a atitude do marido. É provável que às vezes isso não se dê, pois amiúde sucede que o marido é completamente irrazoável, além de estar em oposição à nossa igreja. Nesses casos devemos dizer simplesmente que a infeliz situação é das que devem ser enfrentadas com todo o tacto e graça que o Senhor nos dê. Ao seguir a Cristo, é preciso levar a cruz. E isto pode ser uma delas. E também é verdade que não somos dignos de Cristo a menos que estejamos dispostos a colocá-lo antes de tudo, mesmo antes do nosso companheiro no matrimónio.

NOTÍCIAS DO CAMPO

MISS ANNICE MARIE LARSEN — Depois de cinco meses de permanência no nosso meio, a fim de se familiarizar com a nossa língua, partiu no dia 8 de Junho, para Angola, a Irmã Annice Marie Larsen, que vai exercer a sua actividade no Hospital do Bongo como enfermeira-chefe.

Desejamos-lhe uma boa viagem e uma profícua actividade em favor dos que sofrem.

D. BENVINDA MARQUES — No gozo de bem merecidas férias, encontra-se no nosso meio a Irmã Benvinda Marques, enfermeira auxiliar

no Hospital do Bongo. Seja duplamente benvinda, prezada Irmã, e boas férias.

Lisboa

De ano para ano, as dificuldades aumentam. Os acontecimentos que precedem a ruína deste mundo, já cansado, previstos pelo olho infalível da Profecia, sucedem-se de modo tão súbito quão pasmoso. Temos, portanto, o dever sagrado de, como povo de Deus e possuindo a luz para o nosso tempo, avisar o mundo da sua condição.

Não há dúvida nenhuma de que a «Campanha

das Missões» é um dos planos divinos mais abençoados para o cumprimento da profecia de S. Mateus 24:14. Há, aproximadamente, uns 112 anos, afirmava um dos irmãos de grande responsabilidade no Movimento Adventista: «Se o nosso povo, em toda a parte, falhasse na realização do seu dever e abandonasse simplesmente a campanha das Missões só este ano, aconteceria um desastre na obra de Deus. Milhares dos nossos missionários morreriam de fome e muitas estações missionárias deveriam a fechar a porta. Temos a certeza que nada disso acontecerá nas fileiras adventistas...»

Sim, nada disso acontecerá nas fileiras adventistas que, por toda a parte e em Portugal, amam a Causa de Deus e a servem de todo o coração.

Uma vez mais a Igreja de Lisboa se pôs ao trabalho para, com fé resolvida e perseverante, levar a cabo uma das maiores e mais compensadoras tarefas que Deus lhe confiou. E saiu, a Igreja, para o trabalho, com a certeza da vitória — a vitória mais retumbante de toda a sua existência!

A campanha das Missões teve, como sabemos, no nosso País, princípios bem modestos. Em 1921, primeiro ano da campanha em Portugal, fez-se 2.585\$70; em 1940, era o alvo de toda a União, 28.968\$00; em 1954, só a Igreja de Lisboa, em 5 semanas, alcançou 36 mil escudos, ultrapassando em 3.500\$00 o alvo que lhe fora proposto. Grandes coisas tem o Senhor operado entre nós!

Que o trabalho feito possa produzir muitos frutos para a eternidade, são os nossos mais sinceros desejos.

Sensibilizou-nos muito o magnífico espírito missionário demonstrado por todos nesta campanha. Servindo-nos da «Revista Adventista», desejamos expressar, de novo, a nossa profunda gratidão a todos os prezados Irmãos. Jovens e Visitas que de boa vontade participaram nela e, ao mesmo tempo, afirmar-lhes que nem as «Missões» nem nós temos com que lhes recompensar, «mas que recompensado lhes será na ressurreição dos justos».

Juvenal Gomes

Faro

Sob a direcção do Pastor Leal, sete almas desceram às águas do baptismo no dia 16 de Maio. De Vila Real o nosso prezado Ir. Pinto trouxe um candidato, sendo os restantes da Igreja de Faro. O Senhor tem abençoado o nosso Algarve, e não obstante já se terem baptizado este ano oito almas em Faro, temos uma forte classe baptismal em progresso para nova colheita em breve.

A assistência regular há muito que atingiu o máximo da capacidade normal de cinquenta e, por vezes, é embaraçoso não ter onde sentar os muitos outros que aparecem. Embora há mais de cinco anos que a «Obra» foi começada em Faro, até 1953 só contávamos nove membros. Actualmente temos vinte e seis, treze tendo sido ganhos por baptismo desde Maio de 1953 e quatro por transferência. Nosso Pai Celeste está despertando muitas almas sinceras. Muitos manifestam grande alegria ao ouvirem a Mensagem mesmo pelas primeiras vezes. Permita Nosso Bom Deus que por todo o Portugal se alastre este espírito de querer ouvir e prontamente aceitar a «Verdade Presente».

Luz de Tavira tem agora uma casa mesmo na rua principal, pertencente à nossa União, que já está adaptada aos nossos fins e onde se rea-

lizam os baptismos. Oxalá breve em Faro possamos também ter uma sala maior com outra apresentação para fazermos propaganda ao público, até aqui impossível, e anunciar mais eficazmente ao Algarve a breve vinda do Nosso Redentor.

João I. M. Chaves

Niza

No dia 2 de Maio esteve o nosso Irmão Fernando Mendes no nosso meio.

Este Irmão deslocou-se até nós com o propósito de passar alguns filmes e para fazer os exames das classes progressivas da nossa juventude.

Foi um dia de festa para os nossos jovens, tanto a apresentação dos filmes como o fazer do seu exame.

Sete dos nossos jovens fizeram pela primeira vez o exame de AMIGOS, e estão-se preparando para fazer em breve o exame de COMPANHEIROS; já têm tudo quase sabido, e daqui a pouco temos de mandar vir o nosso Ir. F. Mendes para fazer o seu exame.

A nossa casa esteve repleta de simpatizantes, sendo necessário abrir as portas para as pessoas verem mesmo da rua.

Foi na realidade um dia de festa para a nossa juventude.



No dia 23 de Maio tivemos a festa das MÃES. A nossa juventude apresentou um belo programa, com poesias, diálogos, canções e alguns coros.

A nossa casa esteve cheia até à porta, ouvindo assim a nossa juventude na sua festa dedicada em HONRA ÀS MÃES.

Mais uma vez os nossos jovens estiveram em festa.

No intervalo foram distribuídos alguns ramos de flores pelas Mães presentes como recordação da amizade de seus filhos.

Que o Senhor nos ajude a guardar as palavras do mandamento que diz:

HONRA A TEU PAI E A TUA MÃE, PARA QUE SE PROLONGUEM OS TEUS DIAS NA TERRA QUE O SENHOR TEU DEUS TE DÁ. (Exodo, 20:12).

Manuel Ramos Lobato

REVISTA ADVENTISTA

ÓRGÃO EXCLUSIVAMENTE RELIGIOSO
E DE INFORMAÇÃO DA IGREJA
ADVENTISTA DO SÉTIMO DIA

DIRECTOR: ERNESTO FERREIRA
ADMINISTRADOR: P. BRITO RIBEIRO

Corpo de Redacção: F. Cordas, J. A. Esteves,
E. Ferreira, M. Lourinho, E. Miranda, S. Reis e
M. Miguel.

PUBLICAÇÃO MENSAL

Cont., Ilhas e Províncias Ultramarinas

Número avulso 1\$50
Assinatura anual 15\$00

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO:

RUA DE JOAQUIM BONIFÁCIO, 17

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO:

TIP. GOMES & RODRIGUES, LDA.

32, RUA DAS PICOAS, 34 — LISBOA